



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

LUCAS FANTINATTI DE LIMA

Torço, logo existo

Reflexões e vivências contadas por pensadores amantes do futebol

Florianópolis
2022

LUCAS FANTINATTI DE LIMA

Torço, logo existo

Reflexões e vivências contadas por pensadores amantes do futebol

Relatório técnico do Trabalho de Conclusão do
Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Stefanie Carlan da
Silveira

Florianópolis
2022

FICHA IDENTIFICAÇÃO BU

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Lima, Lucas Fantinatti

Torço, logo existo : reflexões e vivências contadas por
pensadores amantes do futebol / Lucas Fantinatti de Lima ;
orientadora, Stefanie Carlan da Silveira, 2022.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Futebol. 3. Documentário. 4.
Comportamento. 5. Torcida . I. da Silveira, Stefanie
Carlan . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Jornalismo. III. Título.

LUCAS FANTINATTI DE LIMA

Torço, logo existo

Reflexões e vivências contadas por pensadores amantes do futebol

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 02 de julho de 2022.

Valentina da Silva Nunes, Dra.
Coordenadora do Curso de Graduação em Jornalismo

Banca Examinadora:

Stefanie Carlan da Silveira, Dra
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Fernando Antonio Crocomo, Dr
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Jorge Kanehide Ijuim, Dr
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a versões anteriores de mim mesmo, em várias idades,
de muitas convicções e poucas realizações.

AGRADECIMENTOS

Não se faz nada sozinho e aqui é o espaço para agradecer a todo mundo que acreditou em mim muito mais do que eu sempre acreditei, apesar de ainda achar que estou certo na correlação de forças entre crença e potencial. O que seria de mim sem as pessoas que me rodeiam, afinal? Como um dos próprios entrevistados deste documentário, Narbal Silva, diz: "Entender que ninguém é uma ilha em si mesmo como é a Ilha de Santa Catarina. Nós somos seres relacionais. Somos seres incompletos que nos completamos por meio das relações que estabelecemos com os outros". Assim penso e fora desta máxima não vejo futuro em qualquer empreitada.

Creio que crescer filho único tenha disso, a valorização aos outros, o querer ter próximo.

E deste tópico não posso reclamar.

Marcia, Márcio, Fernando, Mimi, Dedé. Às pessoas que me criaram, dentre todas as pessoas que me criaram, dedico. Mãe, pai, padrasto, avó, avô. Se na vida colho frutos, deve-se ao que estes semearam por mim. Se cá entrego um último trabalho, dito de conclusão, informo que ingressei neste curso pelo incentivo que sempre me deram para estudar — o que não significa, exatamente, que estudei, mas há de se reconhecer que incentivo não faltou. Risos.

Eis o problema: não consigo escrever uma página, que seja, estritamente sério. O lúdico me parece tão mais interessante e, quando vejo, esqueci-me que era pra agradecer. Mas, ora, não fosse o lúdico, pelo que me lembro, não teria conhecido Tutu ou Giovanna. E, se hoje permaneço em Florianópolis, foi por força desses dois, que se pararam ao meu lado como pilares. Forasteiro, vim de Brasília, e pra lá antes cheguei de Belo Horizonte. Vir para Floripa teve seus custos emocionais, de modo que meu único obstáculo para concluir o curso sempre fui eu mesmo. De modo que meus aliados mais fortes foram os dois — lúdicos — que citei.

Renato me mostrou que havia verão aqui na cidade. Até então eu só via inverno. Se “amigo” fosse profissão, Renato estaria rico. Obrigado pela câmera, obrigado por insistir. E se ele estivesse rico, certamente seu sócio na empresa da amizade seria Aramis, a quem agradeço pela hospitalidade em terras paulistas.

Muitos paulistas, inclusive, conheci nestas terras catarinenses. Assim como Giovanna, Renato e Aramis, Amanda e Bárbara também encontrei. E faço questão de reforçar os encontros. Vinicius de Moraes sabe do que falo. Vir de fora e encontrar outras pessoas que igualmente vieram de fora nos faz experimentar uma nova coletividade: a dos desesperados por afeto. A

UFSC está repleta desses coletivos. Mas, voltando a São Paulo, devo dizer que ela e eu temos uma relação difícil, nunca nos demos muito bem. Então, na minha mente lúdica, gosto de pensar que foi *darma* conhecer tantos paulistas em Florianópolis — os selecionados.

À Amanda, formiga atômica cativante, digo que quem está na chuva é para se molhar. E ela esteve. Lembranças bonitas de um temporal no Morumbi.

À Bárbara, outra lúdica, outro pilar, agradeço por todo apoio e companheirismo nas horas boas e ruins. Quanta história, quanta estrada. Registro aqui o quanto admiro sua determinação.

A Mello, que não é paulista e nem lúdico, e nem cativante, mas gaúcho e desconfiado, agradeço por me confiar sua amizade, inestimável.

“A vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida”. Não poderia concordar mais com Moraes. São muitos nomes, muitos significados, muitas pessoas que passaram pelo meu caminho e decidiram ficar. Aos lúdicos de Brasília, aos sérios do Rio, aos paulistas de Florianópolis, aos desesperados da UFSC, aos mineiros de Pelotas e aos bolivianos também, obrigado pelo que fizeram de mim.

E, para quem chegou até aqui, tudo não passa de uma grande brincadeira.

Mas cumpramos com a parte séria.

RESUMO

“Torço, logo existo” é um documentário em vídeo, de média-metragem, organizado a partir de depoimentos de pessoas a respeito de suas relações com o futebol. Com duração de 34 minutos, o filme tem como objetivo dar luz às emoções que estão presentes no ato de torcer. Abertamente, cada entrevistado discorre sobre como enxerga o futebol e o que este esporte representa em sua vida. Foram ouvidos jornalistas, torcedores, pesquisadores e ex-jogadores. Mas, para além de suas profissões, o trabalho buscou ouvir e mostrar a vida de amantes do esporte, de modo geral.

Palavras-chave: Comportamento. Torcida. Futebol. Jornalismo. Documentário.

ABSTRACT

“Torço, logo existo” is a medium-length documentary, organized from people's testimonies about their relationships with soccer. Lasting 34 minutes, the film aims to show what kind of emotions are involved in the act of cheering. Each interviewee talks openly about how he or she relates to soccer and what is this sport's meaning in their lives. Journalists, fans, researchers and former players were interviewed. Above all, regardless of their jobs, this documentary tried to listen and to show stories of sport lovers in general.

Keywords: Behavior. Sports fans. Soccer. Journalism. Documentary.

RESUMEN

“Torço, logo existo” es un documental en vídeo, de medimetraje, organizado a partir de testimonios de personas con respecto a sus relaciones con el fútbol. Con una duración de 34 minutos, la película tiene como objetivo mostrar qué tipo de emociones están presentes en el acto de hinchar por el equipo favorito. Abiertamente, cada entrevistado discurre sobre cómo ve el fútbol y lo que este representa en su vida. Se entrevistó a periodistas, a hinchas, a investigadores y a exjugadores. Pero, más allá de sus profesiones, el trabajo tuvo la misión de oír y mostrar las manifestaciones de amantes del deporte, de modo general.

Palabras clave: Comportamiento. Fanaticada. Fútbol. Periodismo. Documental.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA	8
2. JUSTIFICATIVA DE TEMA E FORMATO	10
3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO	11
3.1 Pré Apuração	11
3.2 Apuração	12
3.3 Logística	13
3.4 Fontes entrevistadas	14
4. GRAVAÇÕES	15
4.1 Entrevistas	15
4.2 Imagens de Cobertura	17
5. PÓS-PRODUÇÃO E MONTAGEM	17
5.1 Arquivamento	17
5.2 Decupagem	17
5.3 Montagem	18
6. RECURSOS E EQUIPAMENTOS	21
7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	21
8. CRONOGRAMA	22
4.1 Cronograma Inicial	22
4.2 Cronograma Final	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	27

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

No dia 6 de dezembro de 2009, o empate por 1x1 entre Fluminense e Coritiba decretava o rebaixamento do time paranaense para a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol. Após o jogo, cenas de guerra foram vistas no gramado do estádio Couto Pereira, com torcedores do Coritiba avançando sobre a torcida carioca, avançando contra o próprio time e contra a estrutura física do próprio estádio. Um ano antes, quando o Vasco da Gama foi rebaixado no mesmo campeonato, um vascaíno desolado ameaçou tirar sua própria vida ao tentar se atirar da marquise do estádio São Januário. Em julho de 2021, torcedores do Corinthians atiraram pedras no carro do centroavante Jô, quando o então jogador do alvinegro paulistano saía de um shopping.

Recuando mais no tempo, há um exemplo em 1950: no Maracanã, o Brasil perdeu uma final de Copa do Mundo para o Uruguai e, por causa do gol da derrota, o goleiro Barbosa — um dos maiores de todos os tempos na seleção brasileira — teve de conviver com o julgamento social até o dia de sua morte, em 2000. As palavras do zagueiro Augusto, capitão do time brasileiro na época, resumem a repercussão daquela partida: “fui chamado de traidor! Aliás, todos nós: “traidores da pátria”! Não merecíamos ser tratados desse jeito. Éramos ídolos até a véspera do jogo”, como relembra o jornal Gazeta do Povo, em matéria de 2015.

Então surge a pergunta: por que o futebol tem tanta capacidade de nos afetar? É um esporte no qual apenas amor e ódio são admitidos, em proporções iguais, independente de se torcer a favor ou contra (COSTA, 1994). Não à toa há tanta superstição envolvida no jogo (MENANDRO, 2014). Ora, famoso se tornou o apego de Zagallo ao número 13, por ser o número de letras presentes na sentença “Brasil Campeão”. Eis outro exemplo: em algumas torcidas, como na do Corinthians, não se pode gritar “gol” antes de, literalmente, ser gol; do contrário, gol não será, e a culpa de gol não ter sido será de quem “gol” gritou precocemente.

Em 2005, o Atlético Mineiro também travou sua luta contra o rebaixamento no Brasileirão: naquele ano, uma reportagem de televisão mostrou um torcedor apelando para que Santo Expedito - das causas impossíveis - interviesse. O time não se ajudou em campo e o santo muito menos: Galo rebaixado para a “segundona”. Oito anos depois, em 2013, o mesmo Galo foi campeão da Copa Libertadores da América, com o técnico Cuca usando uma camisa estampada de Nossa Senhora durante toda a campanha do time na competição. Mais do que superstição, viu-se o emprego da fé para influenciar o futebol.

Olhando para os acontecimentos narrados acima não seria absurdo inferir que quem torce para um time perdedor tende a ter mais reações negativas, e, seguindo a lógica, inferir que quem torce para um time vencedor tende a ter mais reações positivas. Contudo, parece que nem sempre a conta fecha. Então, observemos uma breve passagem de 2019: em um mesmo final de semana, o Flamengo foi campeão da Copa Libertadores da América e do Campeonato Brasileiro. Aquele momento deveria ter sido a tragédia de qualquer torcedor vascaíno, porém, um fato tanto quanto inusitado foi capaz de promover uma semana de imensa alegria à torcida do Vasco: invejando os títulos do rival, clube e torcedores uniram forças para fazer acontecer uma campanha de associação em massa - a qual levou o Vasco a figurar não apenas na liderança de número de sócios do Brasil, mas na 6ª posição mundial. Naquela semana, o *hobby* do vascaíno foi apertar a tecla “F5” no teclado do computador para conferir no site do time, o quanto crescia, minuto a minuto, o número de associados. A tristeza ligada ao jogo de futebol deu lugar à alegria pela arrecadação financeira de um clube de futebol.

Seguindo adiante no assunto, cabe perguntar, para além da pontualidade de times, campeonatos e rivalidades, o porquê de o futebol estar tão enraizado na cultura brasileira, percebendo-se, inclusive, a naturalização dos costumes desse esporte mesmo entre quem não torce (DAOLIO, 1998). No artigo “As contradições do futebol brasileiro”, Jocimar Daolio disserta a respeito do significado social do esporte no Brasil.

É nesse sentido que Roberto DaMatta - um estudioso do futebol como fenômeno cultural brasileiro - afirma que cada sociedade tem o futebol que merece, pois deposita nele uma série de questões e demandas que lhes são relevantes. Assim, o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. (DAOLIO, 1998, p. 4)

Entende-se, dessa maneira, que, para efeito de análises sociais, o futebol não pode ser tratado como qualquer outro esporte no Brasil. Há particularidades e nuances próprias da relação do brasileiro com o futebol mais do que com outras modalidades esportivas (DAMATTA, 1994). Jocimar Daolio traz ainda outra explicação: “Com todas as contradições possíveis, o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Nesse sentido ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio” (DAOLIO, 1998, p.1).

Portanto, este documentário surgiu para conhecer mais sobre tal dinâmica, a fim de pesquisar o que mais se possa entender da relação entre futebol e sociedade e expôr as diversas perspectivas pessoais dos entrevistados. De forma aberta, as fontes ouvidas compartilharam um pouco de suas vivências e explicaram seus pontos de vista sobre o que entendem de suas relações com esse esporte, desde a origem, de quando se entenderam torcedores de um clube, ou do futebol em si, até o sentimento nos dias de hoje.

2. JUSTIFICATIVA DE TEMA E FORMATO

A escolha por um documentário em vídeo acerca deste tema se deve a alguns fatores. O primeiro é o meu interesse na linguagem audiovisual: embora o vídeo tenha sido pouco explorado por mim dentro do curso, reconheço a importância mercadológica de atuar no jornalismo televisivo e cinematográfico. Minha trajetória acadêmica pode ser definida, grosso modo, em três partes: na primeira, exercitei principalmente o jornalismo em rádio e em fotografia; na segunda, rádio e texto e na parte final passei a explorar a narrativa em vídeo. Portanto, o TCC feito como documentário em vídeo sela esta passagem.

Considerando agora a temática, explico que o futebol tem para mim valor caro que remete à infância. Desde pequeno, joguei e torci. Até certa idade, tentei a profissionalização. Atualmente apenas torço e, quanto mais torço, menos vejo sentido em torcer. Essa dinâmica paradoxal me levou a refletir sobre o peso que o futebol ocupa na vida de muitas pessoas, sendo, por vezes, vetor de alegria ou de tristeza nas horas posteriores ao jogo do dia. E, em dias sem jogos, há também o peso do tempo investido em consumo de mídia sobre times, seleções, mercado de transferências e outros detalhes desse nicho.

Falemos então sobre a minha terceira motivação, ponto central deste trabalho: o comportamento humano. De certa forma, creio que o meu afastamento da prática futebolística foi conseqüente à minha aproximação à filosofia - entre os 15 e os 17 anos. Aos 18, ingressei no curso de jornalismo da UFSC; e me parece equação coerente somar futebol e filosofia e obter jornalismo. Portanto, agrada-me a ideia de unir essas três áreas de conhecimento. Creio também que a angulação proposta é, no mínimo, interessante, ao praticar jornalismo esportivo sob uma

abordagem voltada a questões comportamentais, filosóficas, antropológicas e sociológicas; ou, ao dar tons desportivos a etéreas reflexões sobre felicidade, frustrações e expectativas.

Voltando ao formato desta produção, cabe também ressaltar um gosto pessoal meu por documentários, sejam eles do tipo poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo ou performático (NICHOLS, 2010, p. 135). Interesse-me, basicamente, por depoimentos, sobretudo por depoimentos inéditos e de difíceis acessos. Imaginando o produto final, concluí que seria importante visualizar em tela o contraste entre as entrevistas em câmera estática, carregadas de conteúdo, e imagens aceleradas e caóticas dos ambientes de estádio. Assim, esse contraste não poderia existir tão fortemente em áudio ou somente no visual. Seria necessária a junção dos dois.

3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

3.1 Pré Apuração

A pré-apuração foi executada no ano de 2021, durante a realização da disciplina "Planejamento de TCC". No semestre letivo referente a 2021.1, que ocorreu entre os meses de junho e outubro daquele ano, as atividades presenciais da UFSC estavam paralisadas e isso incluía o trabalho de campo nas apurações. Tal regra se manteve até o início do semestre seguinte, 2021.2, iniciado em novembro do mesmo ano. Àquela altura, quando as apurações presenciais voltaram a ser permitidas, eu havia cursado três semanas de aula da disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso", o que atrasou ainda mais o início das gravações. Como sequer havia previsão de retorno às atividades jornalísticas de campo, até mesmo as marcações de entrevistas eram dificultosas: houve contato com algumas fontes, mas ainda sem datas definidas. Como muitos de meus entrevistados residem em outros estados, a incerteza de calendário obstaculizou uma maior praticidade no processo de apuração, de modo que até a liberação oficial de atividades presenciais, fora possível somente trabalhar na pesquisa sobre o tema e na elaboração das estratégias para o desenvolvimento do projeto.

Nessa fase, debrucei-me sobre as publicações existentes acerca de análises comportamentais do futebol e, sobretudo, em materiais jornalísticos encontrados na internet. É importante ratificar que a ideia de pauta surgiu observando atitudes de torcedores de clubes

brasileiros, sobretudo de Vasco e Flamengo, nos últimos três anos — justamente pelos fatos ocorridos em 2019, que envolveram estes dois clubes. Portanto, o material de apoio utilizado concentrou-se em notícias recentes. Considerei também, nessa época, que elementos de narrativa se encaixariam melhor na pauta.

Uma vez liberadas as atividades presenciais, começou a prática. O agendamento de entrevistas se deu com base em uma previsão estimada na quantidade de pessoas por enquadramento desejado: almejei entrevistar ao menos dois torcedores e torcedoras, ao menos três jornalistas, ao menos um(a) historiador(a) e ao menos um(a) psicólogo(a). Havia também a pretensão de conversar com dois ex-jogadores de futebol, o que não foi possível, dada a agenda ocupada de alguns com quem entrei em contato. Porém, entrevistei o ex-jogador de futebol, e atual técnico, Dorival Júnior, o que contemplou em parte o planejamento.

De acordo com levantamento feito pela Sport Track, Flamengo, Corinthians, Palmeiras, Vasco e São Paulo são os clubes líderes do Brasil em número de torcedores, desde média estabelecida entre 1993 e 2022. Por esse motivo e pela notória galeria de títulos dos times do sudeste, muito da pesquisa focou no futebol praticado nesta região. Entretanto, por questões logísticas, os torcedores entrevistados, membros de conselhos deliberativos de seus respectivos clubes do coração, foram pessoas residentes em Florianópolis.

O acesso às pessoas entrevistadas ocorreu de diversas maneiras: via e-mail, via mensagem em chat de rede social, via *WhatsApp* e via ligações de celular. Alguns dos entrevistados só foram possíveis de ser contatados por meio de alguma facilitação via terceiros. Irlan Simões e Katia Rubio, por exemplo, atenderam-me sem me conhecer, acreditando apenas no que lhes pareceu a participação neste projeto. Casos diferentes de Luiz Simas e Téo José, fontes com quem falei após aval prévio de pessoas conhecidas em comum.

3.2 Apuração

Apuração foi executada concomitantemente com as gravações, processos estes que se misturam no telejornalismo e na produção de documentários. Ao todo, entrevistei 11 pessoas, nas cidades de Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo. Foram elas: Narbal Silva, Maria Eduarda Dalponte — jornalista formada pela UFSC, mas que, por motivos editoriais, teve suas falas ausentes do produto final do documentário —, Irlan Simões, Carlos Eduardo Mansur, Renata

Mendonça, Luiz Antonio Simas, Téo José, Katia Rubio, Dorival Júnior, Consuelo Haviaras e Nicolau Haviaras.

Para as entrevistas, fui munido de um roteiro de perguntas pensado individualmente para cada fonte. Além do roteiro, presente em meu celular, carreguei comigo câmera, lente, cartões de memória, carregadores de bateria, tripés, luzes artificiais, microfone, extensões e adaptadores de tomada. Com tal kit, mantive uma regularidade de preparação para cada compromisso e pude performar de forma parecida em todas as entrevistas. Apesar de serem diversos detalhes de operação aos quais eu deveria me ater, consegui executá-los com presteza. O único momento em que me fugiu o controle da gravação foi quando acabou a bateria do microfone de lapela em meio à entrevista de Irlan Simões, fato que me obrigou a improvisar o celular como gravador e que fez com que o áudio dessa entrevista ficasse prejudicado, como é possível verificar no vídeo.

3.3 Logística

Tive em mente, desde o princípio da ideia, alguns nomes de pessoas com quem gostaria de conversar. Parte deles residia na região sudeste, então, a questão logística esteve prevista durante todo o processo de execução do trabalho. Desses nomes iniciais, a maior parte não se dispôs a conceder entrevista. Mas, como dito, viajar para outras cidades era questão pensada. A preocupação maior era conseguir agendar as entrevistas em datas próximas umas das outras, de acordo com os lugares por onde eu passaria, a fim de não precisar viajar duas vezes.

Assim, comecei por Florianópolis, entrevistando Narbal Silva e Maria Eduarda Dalponte. Daí então, segui para o Rio de Janeiro, onde conversei com Irlan Simões, Renata Mendonça, Carlos Eduardo Mansur e Luiz Antonio Simas. Na sequência, fui a São Paulo, gravar com Téo José e Katia Rubio. Por último, regressei a Florianópolis para fechar o ciclo de entrevistas com Dorival Júnior e com o casal Consuelo e Nicolau Haviaras.

Minhas estadias em outras cidades tiveram custo zero de hospedagem, uma vez que estive na casa de meu pai, no Rio de Janeiro, na de minha mãe, em Brasília (o que rendeu imagens de cobertura), e na casa de um amigo, em São Paulo. Os custos ficaram por conta dos deslocamentos, via ônibus, metrô, trem e carros de aplicativo, e da alimentação.

Quanto aos locais de entrevista, quase todos que se dispuseram a conversar comigo abriram as portas de suas casas para que lá eu instalasse meus apetrechos audiovisuais. Desse

modo, as variações se davam apenas quanto aos cômodos das casas e às posições de entrevistado, câmera e luz nesses cômodos. As exceções ocorreram nos casos das entrevistas com Irlan Simões e Luiz Antonio Simas. Impossibilitado de entrevistá-los em domicílio, busquei como alternativa bares, cafés e livrarias que me autorizassem a ocupar o estabelecimento para meus fins jornalísticos. Com Irlan a entrevista se deu no Bar do Elias, na região do Largo do Machado, Zona Sul do Rio de Janeiro. Com Simas, a opção foi recebê-lo em um espaço comum do edifício onde reside meu pai.

3.4 Fontes entrevistadas

- **Consuelo Haviaras:** Torcedora do Figueirense Futebol Clube, membro do Conselho Deliberativo do clube.
- **Carlos Eduardo Mansur:** Jornalista, comentarista esportivo do Grupo Globo, atualmente e na data da entrevista.
- **Dorival Júnior:** Técnico de futebol, ex-jogador. Estava sem clube na época da entrevista e atualmente trabalha no Clube de Regatas do Flamengo.
- **Irlan Simões:** Jornalista, comentarista esportivo do Grupo Globo, atualmente e na data da entrevista.
- **Katia Rubio:** Psicóloga, Pesquisadora dos Estudos Olímpicos, Professora associada na Universidade de São Paulo, co-fundadora da ABRAPESP — Associação Brasileira de Psicologia do Esporte.
- **Luiz Antonio Simas:** Historiador e escritor de diversos temas da cultura brasileira, entre eles, o futebol.
- **Maria Eduarda Dalponte:** Jornalista, apresentadora esportiva da NSC Comunicação, atualmente e na data da entrevista.
- **Narbal Silva:** Torcedor do Avaí Futebol Clube, membro do Conselho Deliberativo do clube.
- **Nicolau Haviaras:** Torcedor do Figueirense Futebol Clube, membro do Conselho Deliberativo do clube.
- **Renata Mendonça:** Jornalista, comentarista esportivo do Grupo Globo, atualmente e na data da entrevista.

- **Téo José:** Locutor esportivo. Narrador do SBT, atualmente e na data da entrevista.

4. GRAVAÇÕES

4.1 Entrevistas

O método utilizado para apurar as informações em campo foi através de gravações em vídeo das entrevistas com as fontes. Todas foram gravadas e conduzidas por mim, de forma que ali em cada entrevista era eu o responsável por posicionar e operar câmera, microfone e fontes de luz, escolher o enquadramento dos entrevistados e posicioná-los nos ambientes e fazer as perguntas com base no roteiro de pauta. Assim, foram realizadas entrevistas nas cidades de Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo.

Uma vez que o intuito dos vídeos era ser, ao mesmo tempo, registro documental das apurações e formato do produto jornalístico, precauções estéticas foram tomadas para executar as filmagens. Para além do simples registro de imagem e som, houve minha preocupação em obter o áudio mais limpo possível, enquadramentos de acordo com a regra dos terços e situações luminosas favoráveis ao destaque dos entrevistados em primeiro plano.

Foi de extrema importância os aprendizados das disciplinas obrigatórias do currículo do curso de jornalismo, “Fotografia e Fotojornalismo” e “Laboratório de Fotojornalismo”, e da disciplina optativa que realizei no curso de Cinema da UFSC, “Fotografia Cinematográfica”. Soma-se a estas cadeiras a minha curiosidade pela execução da fotografia, que me levou a consumir diversos materiais de apoio disponíveis na internet, entre eles, um curso de audiovisual.

Desse modo, consegui, minimamente, encontrar parâmetros de enquadramento e controle de luz nas filmagens realizadas. Houve, entretanto, imprevistos relacionados aos locais de gravação, uma vez que optei por entrevistar as fontes em lugares de suas preferências. Assim, a cada filmagem, era uma situação luminosa diferente, um cenário diferente, distintas — e às vezes escassas — opções de luzes artificiais e também luzes naturais intermitentes, em decorrência de algum tempo nublado ou das próprias cortinas nas janelas dos ambientes. Imprevistos esses ora previstos por Edgar Moura:

O mais importante é lembrar-se de que, em fotografia, nunca está em jogo apenas um dos dados do problema. Todas as variantes têm que ser consideradas ao mesmo tempo. O tempo todo. São poucas as variantes da luz (direção, natureza e intensidade), mas suas combinações, se não são infinitas, são, mesmo assim, o problema. Cada vez que pensarmos em colocar um refletor, existirão mil possibilidades entre direção, natureza e intensidade (MOURA, 2001, p. 52).

Para minimizar os possíveis transtornos, fui às gravações sempre munido de fontes luminosas artificiais, que, por vezes, bastaram para corrigir as sombras e, por outras, foram inócuas. Outro fator importante a ser levado em conta foi o tempo de cada entrevista: com média de 40 minutos, chegando a passar de uma hora, em certos casos, as situações luminosas mudaram muito ao longo de cada gravação. Diferentemente de filmagens externas roteirizadas — em que se pode regravar sucessivamente para conquistar o melhor *take* — nas gravações de entrevista a liberdade para regravar é menor, então, aceita-se, simplesmente, as variações de luz e de som ambiente às quais estive sujeito. Poucas vezes foi possível interromper a fala de uma fonte e pedir-lhe que repetisse o discurso em virtude de algum imprevisto técnico.

Logo, concluo que esteticamente o padrão de imagem obtido foi aquém do objetivado, porém, hei de reconhecer que, não fosse o conteúdo técnico aprendido na Universidade, eu sequer teria curiosidade para estudar mais a fundo a fotografia por conta própria e, seguramente, o resultado da qualidade de imagem seria inferior ao atingido. Foi através dos conhecimentos aprendidos nos últimos seis anos que pude, em certo grau, saber como corrigir os imprevistos de enquadramento e de controle de luz.

Para a gravação de áudio — importante de ser lembrada, muitas vezes esquecida, constituidora ativa da palavra “audiovisual” — utilizei um microfone de lapela, a fim de captar prioritariamente os depoimentos e reduzir ruídos externos. Qualquer outra opção de microfonação, como o microfone da própria câmera ou o microfone de um gravador aproximado à fonte, acarretaria em menor qualidade de captação dos enunciados e maior captação de sons do ambiente. Um microfone *boom* talvez atingisse boa captação, mas, eu, sozinho, não conseguiria operá-lo concomitantemente à operação da câmera e à condução da entrevista. Portanto, defendendo que fiz uma escolha coerente para captar imagem e som, de acordo com minhas disponibilidades e limitações.

4.2 Imagens de Cobertura

As imagens de cobertura são, em maior parte, de minha autoria, realizadas nas cidades de Florianópolis, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Mas contei também com a ajuda de amigos e familiares que se dispuseram a filmar eventos pertinentes ao tema. Dessa forma, imagens gravadas em Belo Horizonte, São Paulo e Pelotas foram adicionadas ao armazenamento de arquivos do documentário. Nem todas as filmagens foram utilizadas, porém.

Inicialmente, também foi cogitado fazer uso de imagens de arquivo, disponíveis na internet, ou pertencentes a outrem, mediante autorização dos autores. Porém, tal ideia foi descartada para evitar quaisquer tipos de transtornos jurídicos.

5. PÓS-PRODUÇÃO E MONTAGEM

5.1 Arquivamento

Refém da tecnologia, procurei ao máximo me precaver de imprevistos. Portanto, tornou-se hábito chegar em casa depois de cada entrevista e, imediatamente, transferir os vídeos da câmera para o computador e do computador para um HD externo. Feito isso, converti cada vídeo para o formato Mp4 e, nessas versões compactadas, salvei as gravações também em um armazenamento virtual, *Google Drive*, em uma conta criada exclusivamente para guardar os arquivos do documentário.

5.2 Decupagem

Assim como em qualquer entrevista, práxis cotidiana de repórteres, na qual decupagem e transcrição do material coletado são etapas importantes para selecionar as falas mais importantes, não haveria de ser diferente em entrevistas para documentário. Neste caso, inclusive, destaco a importância da transcrição: considerando nove entrevistas, com média de 40 minutos cada, e um

produto final pensado para ter cerca de 30 minutos, a visualização de cada argumento se mostrou imprescindível para a construção de uma narrativa contínua e concisa.

Todas as entrevistas, uma por uma, foram transcritas em documentos individuais — processo mecânico que demandou bastante tempo. Assim, tive em posse os discursos de cada fonte passados a limpo, o que facilitou muito a organização do trabalho. Livres de pausas, olhares, distrações e entonações, as falas transcritas apresentam de forma quase destilada o raciocínio de cada resposta às perguntas feitas por este repórter.

Lendo e relendo cada documento, surgiram, naturalmente, as conexões entre frases de um e frases de outrem. As principais falas foram destacadas em cor. Em outro documento, página em branco, depusitei o que filtrei de mais pertinente ao tema central — o sentimento envolvido no ato de torcer. A esse novo documento dei o nome de roteiro, e à aparência de um o moldei. Cabe aqui brevemente lamentar que não necessariamente as melhores reflexões entraram no roteiro: para não confundir o espectador e tampouco exceder o tempo previsto, foi necessário cortar textos interessantíssimos.

Arquitetado o roteiro, com a sequência de falas dos entrevistados, separadas em cores de acordo com cada pessoa, e com o tempo exato de início e fim de cada sentença, foi hora de verificar se isso tudo que encaixava em texto funcionaria também na tela. Começava então a fase de montagem.

5.3 Montagem

Ao abrir o software de edição de vídeo foi quando esta deliciosa empreitada quase se transformou num pesadelo. Se as jornadas rumo às gravações eram sempre prazerosas, por paisagens urbanas de Florianópolis, Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, foi sentado frente a uma tela de computador que o trabalho fez-se árduo.

Eu tenho boa experiência com edição de áudio, afinal, por anos, participei como voluntário de diversos programas da Rádio Ponto UFSC, sediada no departamento do curso. Durante a graduação, também estagiei por alguns meses em uma rádio. Nessas duas oportunidades, exercitei bastante minha habilidade com a edição de áudio, sobretudo no extinto *Sony Vegas*. Hoje denominado *Vegas Pro*, o software no qual aprendi a editar áudio também é

um excelente editor de vídeo. Após tentar e, rapidamente, desistir da montagem no *ShotCut*, foi ao *Vegas* que recorri para realizar o trabalho.

Noções de edição de vídeo eu tinha, por ter aprendido nas aulas de Vídeo e Telejornalismo e Laboratório de Vídeo e Telejornalismo a operar o básico no *Adobe Premiere*. No próprio *Vegas Pro* eu também havia editado um curto documentário em vídeo, para a disciplina de Jornalismo Online e Narrativas Digitais. Mas editar um vídeo que, em produto final passou dos 30 minutos, foi um desafio maior do que o imaginado.

Pós decepção com o *ShotCut*, comecei no *Vegas*: organizei as sequências, equalizei os áudios, dividi os capítulos, arrisquei algumas transições. Quando o material tomou forma parecida com a de um documentário, tentei exportar uma versão preliminar do vídeo e não consegui. Por diversas vezes, não consegui.

Abri mão do *Vegas* e todo o trabalho que nele executei tive que repassar ao *Premiere*. Nova interface, novos atalhos, novas usabilidades. Levei um tempo para me acostumar. Editar arquivos de vídeo requer um conhecimento técnico muito específico. Um trabalho que estava bem encaminhado regrediu a estágios prévios e para retornar ao ponto perdido levei um tempo do qual não exatamente dispunha. Trás tentativas e erros, aprendi o suficiente para alcançar o resultado final.

Como antes mencionado, o método foi colocar na linha do tempo do *Premiere* os arquivos na ordem do roteiro e então observar se a decupagem inicial em texto funcionava também em vídeo. Digo isso pois às vezes uma ótima frase é atravessada por alguma buzina de caminhão, por exemplo. Pequenos ajustes foram feitos e a linha do tempo pôde seguir fidedigna ao roteiro.

Um exemplo desses imprevistos foi com os arquivos da entrevista com o jornalista Irlan Simões: a gravação de som foi prejudicada pela falta de bateria no microfone de lapela e, então, a solução foi conectar o microfone ao meu celular, para que lá ficassem registrados os áudios. Por motivos desconhecidos, os áudios gravados “cliparam” em alguns momentos, o que consequentemente dessincronizou imagem e som. Neste processo de pós-produção, recorri ao *ShotCut* para realinhar a sincronia e aproveitei para minimamente tratar o áudio bastante ruidoso de Irlan falando dentro de um bar na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Feito isso e organizadas as sequências, separei os capítulos e inseri os respectivos títulos. A essa altura do processo, ocorreu-me uma preocupação: qual seria a identidade visual do

documentário? A resposta de tal pergunta passara diretamente pela escolha das tipografias utilizadas nas inserções de texto. Portanto, suspendi o trabalho de montagem e foquei na pesquisa por tipografias adequadas ao tema. Decidi usar a fonte “Heaters” para os títulos e para os nomes de cada entrevistado.

O formato mais grosso e com aspecto falhado das letras de “Heaters” me lembraram os traços rústicos de pincéis em escrituras de faixas. Faixas essas — ou cartazes — presentes em protestos e presentes em estádios de futebol. Fez-me sentido a opção. Para contrastar com a tipografia estilizada e rudimentar de “Heaters”, escolhi a harmoniosa “Agency FB” como alternativa para subtítulos, legendas e créditos finais.

Decidida a identidade textual, assisti ao vídeo inúmeras vezes, procurando momentos oportunos para as entradas das imagens de cobertura. Regulei volumes, corriji cores e luzes, implantei transições, adicionei trilha sonora, legendei Irlan Simões e, por fim, creditei os entrevistados.

As etapas ocorreram da seguinte forma, desde o princípio da montagem:

- Sincronização de imagem e som da entrevista de Irlan Simões
- Tratamento de áudio do entrevistado Irlan Simões
- Importação dos arquivos de vídeo para o *Adobe Premiere*
- Organização em sequência dos vídeos, de acordo com o roteiro
- Separação de capítulos
- Ajustes nas entradas e saídas de cada fragmento de vídeo, para melhor fluidez
- Aplicação de efeitos de transição das imagens
- Encaixe de imagens de cobertura
- Inserção do título e dos intertítulos
- Escolha da tipografia
- Regulação de volumes
- Segundo tratamento de áudio do entrevistado Irlan Simões
- Correção de luz
- Correção de cor
- Aprimoramento das transições de imagens
- Legendagem das falas de Irlan Simões

- Créditos de cada entrevistado
- Créditos finais

6. RECURSOS E EQUIPAMENTOS

Utilizei: uma câmera Canon SL2, com lente 18-55mm; tripé de câmera; duas *ring lights* e seus tripés; microfone de lapela Mamen; duas extensões de tomada, três adaptadores de tomada; uma mochila; um notebook Lenovo; um HD externo, um celular Motorola. Todos esses equipamentos — com exceção das extensões e dos adaptadores de tomada, os quais me foram emprestados — são de minha posse, comprados novos ou seminovos.

7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Destaco aqui algumas dificuldades: a primeira se trata do árduo trabalho que implica o agendamento de entrevistas. Foram dezenas de e-mails, mensagens e ligações na tentativa de contatar possíveis fontes. Tal processo foi muito desgastante e desanimador, de modo que, por diversas vezes, diminuí consideravelmente minha vontade e meu interesse em dar prosseguimento à pauta.

A segunda dificuldade se refere ao ato de desempenhar diversas funções ao mesmo tempo. Mais do que nunca, estive nítido para mim o quanto o jornalismo é trabalho em equipe; e assim também é o cinema. Conduzir uma entrevista enquanto se presta atenção no bom funcionamento dos equipamentos não é tarefa fácil, afinal, não me parece educado olhar para outra coisa que não seja a fonte enquanto esta está ali cedendo seu tempo para responder às minhas dúvidas.

O deslocamento para entrevistas não foi exatamente difícil, mas também não foi coisa simples. Em Florianópolis, tive a sorte de conversar com pessoas que moram em lugares acessíveis e quanto aos trajetos não tive problema. Mas em outras cidades não foi tão fácil. Mesmo conhecendo um pouco do Rio de Janeiro, trata-se da segunda maior cidade brasileira, e andar forasteiro com equipamentos caros na mochila não é situação confortável. Caso pior em São Paulo, principal metrópole do país e lugar onde quase nada conheço. Ressalto aqui a

importância de três pessoas nessa jornada: a orientadora deste trabalho, Stefanie Carlan da Silveira, por áudios de *WhatsApp* fez de tudo para me guiar à distância; Aramis Merki II me recebeu em sua casa e me ajudou com os trajetos paulistanos planejados; Amanda Saori Teixeira me acompanhou em quase todos os compromissos que tive em São Paulo e me apoiou muito para que eu pudesse executar cada gravação com eficiência.

8. CRONOGRAMA

8.1 Cronograma inicial

Tabela de cronograma inicial, antes de decidir pelo adiamento da entrega:

	2021/2022						
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Seleção de fontes	X	X					
Agendamento de entrevistas	X	X					
Pré-roteiro	X	X					
Gravações		X	X	X	X		
Pesquisa de imagens de arquivo		X	X	X	X		
Decupagem			X	X	X	X	
Roteiro				X	X	X	
Edição					X	X	X
Entrega do projeto experimental							X
Defesa final							X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando todo o processo, devo dizer que me alegra pensar no caminho percorrido. Literalmente. Andei por lugares muito bonitos rumo às gravações. Fora isso, reconheço verdadeiramente a importância de cada etapa, a satisfação em executar o passo a passo, o crescimento profissional que trabalhar neste documentário me trouxe. Pensei muito no que seria o filme pronto e, ansioso, relevei pensamentos sobre o modo de preparo. Surpreso, escrevo sobre o clichê desse tal caminho percorrido.

Creio que, em síntese, este filme proporciona ao espectador algumas reflexões sobre o ato de torcer. E, por mais banal que reflexões assim possam parecer, eu aqui defendo o ato de refletir; sobre tudo. Fazemos tantas coisas ao longo da semana, com tanta pressa, tanta pressão, tanta preocupação, que esquecemos, vez ou outra, de analisar o porquê daquilo que fazemos ou sentimos. Desde muito pequeno eu torço por um time de futebol, e, afinal, por quê? Por que o feijão em cima do arroz ou vice-versa? Por que molhar a escova de dentes antes e depois de colocar o creme dental? Refletir me parece, senão necessário, divertido.

Fico feliz em saber que pessoas notórias publicamente, como algumas das quais entrevistei, sentem emoções parecidas com as minhas quando o assunto é torcer por um clube de futebol. Pelo que se pôde constatar, o vínculo emocional por esse esporte atinge as pessoas indiscriminadamente. Sobre uma discussão tão etérea, fico feliz também em saber que as fontes se dispuseram a falar, francamente, contando casos de infância, revelando emoções de expressões muito particulares. Considero que o debate continua em aberto, sujeito a todo tipo de subjetividade, pois, como diz o ditado, *futebol não é ciência exata*.

REFERÊNCIAS

AZARADA? A história da camisa branca da seleção brasileira. **Veja**, 9 de abril de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/azarada-a-historia-da-camisa-branca-da-selecao-brasileira/> - último acesso em 03/09/2021

BRAGA, Marcelo. Jô, do Corinthians, tem carro apedrejado por torcedores em evento: "Inadmissível". **Globo**, São Paulo, 22 de julho de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/jo-do-corinthians-tem-carro-apedrejado-por-torcedores-em-evento-inadmissivel.ghtml> - último acesso em 04/09/2021

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, Volume 22, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26958>

Costa, Francisco. O futebol na ponta da caneta. **Revista USP**, São Paulo, Volume 22, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26961/28739>

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, Volume 22, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954/28732>

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Revista Eletrônica Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, Volume 10, 1998. Disponível em: [As contradições do futebol brasileiro \(efdeportes.com\)](http://www.efdeportes.com)

EM 2009, violência e depredação tomaram conta do Couto Pereira. **Terra**, 9 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/em-2009-violencia-e-depredacao-tomaram-conta-do-couto-pereira.81e56800398c2410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> - último acesso em 01/09/2021

FLEURY, Fernando; NOGAMI, Vitor; MAZZON, José; VELOSO, Andres. Efeito das Vitórias e Derrotas na Atitude do Torcedor de Futebol: um Estudo Envolvendo Garoto-Propaganda, Envolvimento e Fanatismo. **Brazilian Business Review**, Vitória, Volume 13, 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/41936/efeito-das-vitorias-e-derrotas-na-atitude-do-torcedor-de-futebol--um-estudo-envolvendo-garoto-propaganda--envolvimento-e-fanatismo>

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Zahar; 1ª edição, 2005.

GUIMARÃES, Ricardo; RAMALHO, João. Pior time do mundo? Íbis fecha maior patrocínio da história do clube e presidente promete reformulação. **Lance**, Recife, 7 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/pior-time-mundo-ibis-fecha-maior-patrocinio-historia-clube-presidente-promete-reformulacao.html> - último acesso em 04/09/2021

JOGADOR do Chile é ameaçado de morte nas redes por desempenho da seleção. **AFP**, 7 de setembro de 2021. Disponível em:

https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/1022241-jogador-do-chile-ameacado-de-morte-nas-redes-por-desempenho-da-selecao-25188200?utm_source=globo.com&utm_medium=oglobo - último acesso em 07/09/2021

LIMA, Marcos Paulo; MANSUR, Ana Isabel; QUEIROZ, Danilo. Vídeo mostra briga entre torcidas no Mané Garrincha; PM nega. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 de agosto de 2021. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2021/08/4944591-video-mostra-briga-entre-torcidas-no-mane-garrincha-pm-nega.html> - último acesso em 07/09/2021

LOUZADA, Roberto. Identidade e Rivalidade entre os Torcedores de Futebol da Cidade de São Paulo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, Volume 17, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48399>

MENANDRO, Paulo Rogério Meira. A Copa do Mundo é nossa: futebol e comportamento supersticioso. **Psicologia e Saber Social**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 118-123, jul. 2014. Disponível em:

www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12207.

MONTEIRO, Rafael. Maracanazo: 70 anos do sonho interrompido. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de julho de 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-07/maracanazo-70-anos-do-sonho-interrompido> - último acesso em 07/09/2021

MOURA, EDGAR. **50 anos de luz, câmera e ação**. 2ª ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

NICHOLS, BILL. **Introdução ao documentário**. 5ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2010.

NOS 65 anos do Maracanazo, relembre o dolorido vice-campeonato de 1950. **Gazeta do Povo**, 16 de julho de 2015. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/nos-65-anos-do-maracanazo-relembre-o-dolorido-vice-campeonato-de-1950-6m6zs8gyv4t6ua0ymacumfbww/> - último acesso em 04/09/2021

PROTESTO da torcida do Grêmio acaba em confusão com a Brigada Militar. **SBT**, 1º de setembro de 2021. Disponível em:

<https://www.sbt.com.br/jornalismo/sbt-sports/noticia/178898-protesto-da-torcida-do-gremio-acaba-em-confusao-com-a-brigada-militar> - último acesso em 07/09/2021

TRACK, Sport. **Relatório Convocados | XP: Finanças, História e Mercado do Futebol Brasileiro**. XP Investimentos, 2022. Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2022/06/Relatorio-Convocados-XP-2022.pdf>

ANEXOS

ANEXO A - Ficha do TCC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2021.2		
ALUNO	Lucas Fantinatti de Lima		
TÍTULO	Torço, logo existo		
ORIENTADORA	Stefanie Carlan da Silveira		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem (X) Livro reportagem ()	(X) Florianópolis (X) Santa Catarina (X) Brasil () Internacional
ÁREAS	Documentário; Telejornalismo; Jornalismo Esportivo; Futebol; Comportamento; Cultura		

RESUMO	<p>“Torço, logo existo” é um documentário em vídeo, de média-metragem, organizado a partir de depoimentos de pessoas a respeito de suas relações com o futebol. Com duração de 34 minutos, o filme tem como objetivo investigar que tipo de emoções estão presentes no ato de torcer. Abertamente, cada entrevistado discorre sobre como enxerga o futebol e o que este esporte representa em sua vida. Foram ouvidos jornalistas, torcedores, pesquisadores e ex-jogadores. Mas, independente de suas profissões, foram ouvidos amantes do esporte, de modo geral.</p>
---------------	---

ANEXO B - Roteiro do documentário

ROTEIRO - TORÇO, LOGO EXISTO

PERSONAGENS:

Narbal Silva	Professor de Psicologia da UFSC, Torcedor e Conselheiro do Avaí
Casal Haviaras	Torcedores e Conselheiros do Figueira
Dorival Jr.	Técnico e Ex-jogador de futebol
Katia Rubio	Psicóloga - Fundadora da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte
Luiz Simas	Historiador - Vencedor de um Prêmio Jabuti
Irlan Simões	Jornalista - Comentarista do Sportv e Autor do livro "Clube Empresa"
Renata Mendonça	Jornalista - Comentarista da Globo e Fundadora do "Portal Dibradoras"
Téo José	Jornalista - Narrador do SBT
Carlos Mansur	Jornalista - Comentarista do Sportv

DESCOBRINDO-SE TORCIDA

NARBAL 2 - 2:37 até 3:25 (58s) - "Olha só o romantismo da época: nós não estávamos no estádio, mas quando acabou o jogo, ali da Trindade, mais ou menos, onde fica o supermercado Angeloni, na Beira-mar, nós saímos num fusquinha. Eu, o meu pai, dirigindo, o meu irmão, a minha tia e a minha mãe. 5 num fusquinha, com uma baita duma bandeira do Avaí, hasteada num bambu pelo lado de fora do fusca, e fomos para o continente comemorar a vitória do Avaí no Scarpelli. Não dentro do Scarpelli, mas em volta, assim comemorando. Veja, é inimaginável isso."

CASAL HAVIARAS 1 - 3:51 até 4:00 (9s) - "A gente vê que é uma herança familiar... vem de pai pra filha e os nossos filhos também passaram a amar o clube e a torcer pelo clube."

- FADE OUT /// DEEP TO BLACK
- RODA VINHETA “TORÇO, LOGO EXISTO”
- RODA VINHETA “DESCOBRINDO-SE TORCIDA”
- FADE IN

SIMAS 3 - 2:27 até 3:18 (51s) - “Nós já nascemos num mundo em que o futebol tem um peso gigantesco, então nós estamos inseridos nisso pra amá-lo ou pra odiá-lo. Ficar indiferente a ele é muito difícil.

RENATA 2 - 12:04 até 12:30 - “Tem gente que não se importa, que consegue não ser picado pelo mosquitinho do futebol e vive a vida totalmente alheio a ele. Eu não gostaria de ser assim. Por mais que nos últimos tempos o futebol tenha me trazido mais sofrimento do que dias vitoriosos, eu gosto muito do extra que o futebol me traz... as pessoas que eu conheci, as relações que eu fiz por causa do futebol, sabe?”

IRLAN 7 - 0:34 até 1:15 (40s) - “Gostar de futebol, quase todo mundo gosta, a verdade é essa. É só pegar uma Copa do Mundo, por exemplo, até a sua avó tá assistindo futebol. Não assiste futebol nunca, mas a Copa do Mundo faz com que ela assista. Ser torcedor é uma parada completamente diferente. Ser torcedor... o ser torcedor de certa forma pressupõe uma ação, uma dedicação, um cronograma, uma forma de organizar a própria vida, então sem dúvida a gente precisa entender também como uma forma que as pessoas adotam, né.

CASAL HAVIARAS 2 - 5:11 até 5:18 - “Para tudo, acabou aqui o almoço, não tem mais café, não tem mais nada porque nós precisamos ir no jogo. Fica todo mundo aí depois a gente volta”

DORIVAL 1 - 10:10 até 10:28 (18s) - “Eu passava sábados fatiando papel pra que no domingo a gente levasse sacos e sacos de papel picado pros campos, pra que a gente distribuísse com os torcedores e na entrada da equipe, na hora de um gol a gente pudesse estar pronto pra fazer aquela festa”

TÉO JOSÉ 1 - 2:35 até 2:45 (10s) - “Eu tinha torcida organizada... a primeira torcida organizada do Goiás, Goiás Jovem, eu fiz com amigos”

RENATA 2 - 3:17 até 3:24 (7s) - “Eu me lembro de eu subindo as ruas do Morumbi, eu me lembro de eu entrando e vendo a grandezinha do estádio, o estádio cheio.

TÉO JOSÉ - 2:35 até 2:55 - “E naquela época era bem diferente do que é hoje. O objetivo dela era ter papel picado, se possível com talco, faixas e instrumentos musicais. Era isso.”

SIMAS 2 0:29 até 0:42 (13s) - “Pra mim era uma coisa normal ir a um jogo de futebol como era normal almoçar, como era normal jantar, como era normal eventualmente viajar no fim de semana, como era normal ir pra escola”

IRLAN 4 - 0:22 até 0:35 (13s) - “É o que eu falo né, a primeira coisa que a gente fala quando vai conhecer alguém é dizer pra que clube a gente torce. É o nosso primeiro cartão de visita. É a primeira linha da sua descrição social é: que clube você torce? ‘Vitória’”

SIMAS 1 - 0:33 até 1:04 (31s) - “O futebol é um elemento constituidor da minha vida nos mais variados sentidos: pertencimento, maneira de ver o mundo, de lidar com o cotidiano... então a rigor o futebol está entranhado na minha vida, a ponto de eu não conseguir fazer essa separação. Então, o futebol não é pra mim um lazer, o futebol pra mim não é uma diversão, o futebol pra mim não é uma válvula de escape. O futebol é um dos elementos que me constituíram como ser.”

- CROSSFADE COM “CARTÃO DO MANÉ GARRINCHA”

SURGIMENTO DO FUTEBOL NO BRASIL

- RODA VINHETA “O SURGIMENTO DO FUTEBOL NO BRASIL”

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - “O futebol foi uma das primeiras modalidades esportivas introduzidas no Brasil.

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Então, se você considerar que os ingleses chegaram no Brasil em 1808, escoltando a família real portuguesa, que fugia do Napoleão, e ao chegar no Rio de Janeiro o primeiro ato de Dom João é abrir os portos às nações amigas e as únicas nações amigas do Brasil era a Inglaterra... Então o primeiro movimento dos ingleses pra se instalar no Brasil esteve associado com as tecelagens, os bancos, as ferrovias e onde havia um agrupamento de ingleses você tinha um club. E esses clubs eram frequentados por homens ingleses que trouxeram o críquete, o rugby e o futebol.

SIMAS 2 - 4:25 até 5:40 - ele é um jogo que de certa maneira é um esporte que não é praticado, não era praticado numa dimensão mais elitista, como era o caso do vôlei, como é o caso do basquete, como é o caso do críquete... o futebol não.

SIMAS 2 - 4:25 até 5:40 - Futebol é aquela coisa que se você tivesse dois chinelos, se você tivesse uma bola de meia, você de certa forma conseguiria jogar futebol.

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Então, por que que deu certo o futebol no Brasil? Porque os ingleses não tinham número suficiente de associados para fazer dois times. E eles começam, então, a incorporar brasileiros que de alguma forma gostaram do jogo e os ingleses perdem o controle da prática esportiva. Então, o críquete, o próprio rugby... os próprios ingleses davam conta do número de pessoas pra jogar.

SIMAS 2 - 4:25 até 5:40 - Você não precisa ter altura pra jogar futebol, você não precisa ter uma quadra fechada pra jogar futebol, você não precisa gastar um dinheirão comprando uma raquete de tênis pra jogar futebol.

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Aí a gente vai ter alguns autores, da antropologia do esporte, da sociologia do esporte, que vão falar da adequação do futebol à cultura brasileira.

SIMAS 4 - 0:42 até 2:24 (+- 85s) - O Brasil num certo momento, sobretudo a partir das décadas de 30 e 40, começou a tentar elaborar um discurso identitário, o pensamento social brasileiro, uma geração de intelectuais e tal, que vinculou muito o modo de ser brasileiro com o modo com que o brasileiro joga bola.

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Então, Roberto Damatta, por exemplo, vai falar dessa malemolência do brasileiro que está associada com a capoeira, que está associada com o samba e que aí o drible vem daí... e aí você tem teorias sobre isso.

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Mas o que eu arriscaria dizer é que foi uma modalidade coletiva que tanto a classe alta, a aristocracia, principalmente paulista, carioca, gaúcha, depois mineira, se identifica. Mas, principalmente as camadas populares se identificam e aí você tem uma proliferação do futebol de várzea que acontece nas grandes cidades. Futebol esse que nasce junto às fábricas.

SIMAS 2 - 4:25 até 5:40 - “Ele é um jogo que surge ligado às massas trabalhadoras”

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Então você tem um futebol muito raiz no Brasil que vem dessa população. O que não é muito diferente do futebol na Inglaterra, onde você tem os clubes aristocráticos e você tem clubes da classe trabalhadora, como é o Liverpool, como é o Manchester, são clubes que nascem dentro das fábricas.

MANSUR 4 - 13:23 até 14:10 - “A custo baixo, as classes mais populares abraçaram esse jogo desde muito tempo. Então, o futebol foi construindo desde o seu nascedouro essa imagem de um elemento que congrega gente”

SIMAS 4 - 0:42 até 2:24 (+- 85s) - “Eu lancei recentemente um livro sobre o Maracanã que partia do princípio de que você pode tomar o maracanã como referência pra pensar o país. Você não consegue entender o país sem o Maracanã e você não consegue entender o Maracanã sem o país.

SIMAS 4 - 0:42 até 2:24 (+- 85s) - Então a gente tem que lembrar que o futebol no Brasil foi um elemento de construção da própria ideia de identidade nacional.

SIMAS 4 - 2:27 até 3:16 - Então, entender a relação do brasileiro com o futebol é, em larga medida, entender a relação do brasileiro com o estado-nação. O que que nós somos? Num país fragmentado, num país plural, num país diferente, num país desigual, num país injusto, num país violento, muitas vezes a camisa da seleção foi o elo que cerziu, que ligou o que aparentemente era desconectado.”

KATIA 2 - 0:21 até 5:09 - Então, eu acho que se a gente olhar o futebol como esse fenômeno social de prática de tempo livre, de uma classe trabalhadora explorada no seu limite, que trabalhava de segunda à sábado, e que esses caras podem usar o seu domingo para ter uma atividade de lazer, é muito legítimo. O problema é a profissionalização que leva ao que o futebol é hoje: essa coisa nojenta, mafiosa, que não guarda relação com aquele futebol revolucionário, que inclusive rivalizava com o rugby e com outras modalidades inglesas.

PERDENDO A CABEÇA

- RODA VINHETA “PERDENDO A CABEÇA”

IRLAN 5 - 1:03 até 1:58 (+55s) - “Quando alguém adota o estilo de vida futebol, o estilo de vida torcedor, ele adota de uma forma muito convicta ‘eu quero ser torcedor’.

IRLAN 5 - 1:03 até 1:58 (+55s) - “Acho que essa é uma grande questão: muitas vezes, pessoas que não são adeptas de ser torcedor não entendem.

IRLAN 5 - 1:03 até 1:58 (+55s) - “‘Por que as pessoas gostam tanto de futebol?’, porque o futebol preenche um lugar na vida da pessoa que é insubstituível.

IRLAN 5 - 1:03 até 1:58 (+55s) - “Nada conseguirá ocupar o clube, essa relação que a pessoa tem com o mundo ao redor dela e com ela mesma. [...]”

CASAL HAVIARAS - 3:14 até 3:31 (17s) - “Eu sempre estarei acompanhando o clube, acho que nunca vou deixar de acompanhar. Posso diminuir a minha ida ao estádio, por algum problema de deslocamento, mas acho que nunca vou deixar de acompanhar o clube, nunca vou deixar”

TÉO JOSÉ 2 - 2:24 até 2:46 (22s) - “Uma mulher você tira do seu coração, você vai sofrer, vai ficar mal, mas chega uma hora que você tira. A paixão por uma mulher você tira do seu coração. Por um time de futebol não. Não tem jeito de arrancar isso. Por mais que você queira, por mais que esteja te fazendo mal, não tem jeito de arrancar isso”

IRLAN 12 - 0:21 até 0:46 (25s) - “Você não consegue evitar um sentimento. O torcedor muitas vezes até se afasta um pouco pra poder se relacionar melhor com o clube. Quem deixa de ir pra um estádio quando o time tá mal é exatamente porque ele quer preservar a relação dele com o clube. A gente tem muito disso ‘esse time eu não vou ver. Esse time eu não vou pagar ingresso pra ver. Eu sou torcedor desse clube, mas esse time não representa o que eu acredito que é esse clube’.

RENATA 3 - 0:46 até 1:10 (24s) - “Pras minhas amigas que não gostam, muitas falam ‘mas o que muda na sua vida no dia seguinte se o seu time ganhar ou perder ou se o seu time conquistar um título ou não’. E é porque quando o seu time por exemplo conquista um título ou tá numa fase boa, você anda na rua assim [gesto com as mãos], entendeu? É como se você tivesse conquistado, é porque você tá por cima. ‘Não, meu time tá por cima, sou eu’.

TÉO JOSÉ 1 - 6:20 até 6:42 (22s) - “Neste exato momento eu tô em baixa. Se você falar pra mim ‘escala o time do Goiás hoje’, eu ando grilado com algumas coisas que aconteceram e me afastei. Então, de vez em quando... ‘ah, Goiás jogou, quanto foi?’, mas já tive outras fases como essa. Mas a minha paixão realmente é o Goiás”

DORIVAL 1 - 9:03 até 9:39 (36s) - “Talvez seja a única condição que a pessoa não mude. Eu nunca vi alguém chegar e falar que era palmeirense e virou corinthiano ou que era corinthiano e tenha virado palmeirense, de repente. Eu já vi separações de todos os tipos, em todas as áreas. Mas, você se separar do seu clube de coração pode ver que talvez tenha sido uma situação que jamais tenha acontecido. A pessoa que nasce torcendo por um clube, se descubra torcendo por esse clube, com certeza ele permanecerá até os últimos dias da sua vida”

TÉO JOSÉ 2 - 4:07 até 4:45 (38s) - “É uma paixão, mas é uma paixão diferente, né. É uma paixão diferente de família, é uma paixão diferente de homem-mulher, ou homem-homem, mulher-mulher, não importa... É uma paixão diferente, é algo... É meio maluco isso, eu não sei. Eu não sei realmente o que leva você... Mas é diferente você ver o time entrando em campo, você ver uma camisa, aqui em São Paulo, você vê uma camisa do Goiás na rua e fala ‘caramba, o cara é torcedor do Goiás como eu’. Sinceramente eu não sei o que alimenta tanto essa paixão”

IRLAN 9 - 0:24 até 1:27 (63s) - Quem vai a estádio todo mundo tem esse ritual, né? O processo do estádio começa quando você acorda no dia do jogo. Você abre o olho no dia do jogo, começou o jogo. Você acorda e vai comer exatamente aquilo que você acha que vai dar sorte. Você vai tomar o banho na hora que vai dar sorte. Tudo isso faz parte. O deslocamento pro estádio, o encontro com os amigos antes do jogo, o churrasquinho, a cerveja.

CASAL HAVIARAS - 4:50 até 5:02 (12s) - “Já teve épocas assim de ter jogos no período da tarde e tu tá numa vida profissional, às vezes dá uma fugidinha pra ir ao jogo... isso já aconteceu na minha carreira”

IRLAN 9 - 0:24 até 1:27 (63s) - E é a grande questão: pessoas que não entendem sobre futebol acham que o futebol se resume àquilo, né? ‘Ah, é só um jogo’. Não é. Você pode até não concordar com o comportamento de certos torcedores, mas você tem que entender que a vida dele é organizada pelo futebol, pelo clube de futebol.

CASAL HAVIARAS - 6:48 até 6:52 (4s) - “O pessoal comentava ‘ah, deixou o paletó na cadeira e foi pro jogo”

IRLAN 9 - 0:24 até 1:27 (63s) - Então o cara abriu o olho no dia do jogo, começou o jogo. O jogo não é só ali os 90 minutos. Vai muito antes e vai muito depois. Até porque quando você ganha você não volta pra casa. Você vai celebrar, porque é um dia especial de celebração pela conquista ali que você conseguiu ter.

MANSUR 4 - 10:17 até 10:32 (15s) - “Esse cuidado do dia a dia, de saber quem se machucou, saber quem vai jogar, de viver... isso tem a ver com a construção da expectativa pelo jogo, mas tem a ver também com essa paixão, com esse elemento de paixão preenchendo um pedaço do dia das pessoas. É um papel social!

CASAL HAVIARAS - 1:08 até 1:15 (7s) - “Realmente, a gente, além das emoções do futebol, dos jogos, a gente tem preocupação com o dia a dia da vida do clube, né?”

MANSUR 5 - 5:07 até 5:23 (16s) - “Hoje o próprio torcedor se acostumou mais a olhar e perceber no futebol cada vez mais um traço mercantilizado, então é muito mais natural que ele torça para a camisa, para as cores e para os símbolos do que que ele tenha tempo de se apegar a alguns jogadores.

IRLAN 11 - 0:00 até 0:44 (44s) - “Eu tenho pena de pessoas que só torcem pra time. Porque a relação acho que é mais vazia e ao mesmo tempo mais dura, porque se perder um jogo não tem nenhuma outra substância para além daqueles 11 caras dentro de campo. Hoje tem gente que torce pra time de acordo com onde o craque tá jogando, né. Pra onde o Messi for o torcedor vai. Isso eu não considero torcedor, sendo bem sincero. Pra onde o Cristiano Ronaldo for eu vou torcer. Não, isso é um gosto, é uma simpatia, é uma relação de admiração por um jogador. Mas torcer por um clube é um estilo de vida, é um modo de vida. Você escolheu isso, você vai viver isso. Você não consegue se desgarrar disso, você não consegue se desfazer disso”

MANSUR 4 - 10:48 até 11:23 (35s) - “A maneira que o torcedor tem de cuidar, já que ele não tem tanto como tomar as decisões do dia a dia, é de saber se está tudo bem, é de acompanhar o noticiário, de torcer pra que as coisas caminhem bem, de viver aquilo no dia a dia, se alimentando seja nas notícias, seja nas redes sociais hoje em dia dos clubes, enfim... eu acho que isso é muito uma relação de amor né, de você vier isso no dia a dia como uma parte da sua vida, e que tem a ver lá com as origens. Se

isso é algo que é uma herança de família, tudo que faz parte das suas vivências familiares, dos símbolos que a sua família cultivou obviamente você vai se importar.”

NARBAL 4 - 13:37 até 14:02 (25s) - “Não é por acaso que eu levo essa bandeira, que tá lá o nome do meu pai, o nome do meu irmão. Não é só eu que tô ali. Eu tô ali com a minha filha, o meu sobrinho, a minha prima e tá eles, tá toda a minha família, tá toda a nossa história, toda a nossa trajetória.”

MANSUR 4 - 9:04 até 10:04 (60s) - “Ele sente um pertencimento em relação ao clube, como se ele fosse parte de algo maior que ele, mas por outro lado ele cuida do clube como se fosse algo que é muito caro a ele, né? Se ele pudesse, ele tomaria conta daquele clube, ele faria o melhor por aquele clube, ele se importa com a causa... É uma relação de amor mesmo, e uma relação de amor que tem uma dose de romantismo elevada porque é algo que ele não controla, né? Ele apenas torce para que o clube fique bem. Por exemplo, a gente durante muito tempo alimentou a história de que o clube pertence ao torcedor, muito embora isso não fosse uma realidade porque os clubes sempre foram controlados nas suas decisões por uma casta de pessoas muito pequena, quase sempre de elite, que cuidava dos destinos do clube. Mas agora a gente passa por um processo no Brasil de venda de clubes a novos proprietários e você tem torcedores celebrando efusivamente essa venda, porque no fundo ele só quer o melhor pra aquele clube, ele desacreditou desse modelo que conduziu a endividamentos gigantescos - o caso do Botafogo é muito claro, e ele celebra isso porque ele quer que o clube fique bem. Isso é amor!”

TÉO JOSÉ 2 - 0:26 até 0:42 (16s) - “Deve ser muito bacana ser torcedor do Palmeiras, do Flamengo, do Corinthians, do Galo... porque o time dele, desses torcedores, vai pra final, disputa título, é campeão. E isso eu nunca tive no Goiás.

TÉO JOSÉ 2 - 1:01 até 1:07 (6s) - “Então o Goiás não disputa grandes campeonatos. Hoje o Goiás disputa campeonato goiano e campeonato goiano não serve pra nada.

TÉO JOSÉ 2 - 1:40 até 2:00 (20s) - “Título de Série B também pra mim não serve. Eu costumo dizer que ‘título de Série B é bom pro Vila Nova, não pro Goiás’, porque o Vila Nova nunca disputou uma Série A, o Goiás não. Então eu cobro muito, eu sou muito chato. E isso me deixa sempre com uma sensação de frustração.

IRLAN 10 - 0:00 até 0:13 (13s) - “Você pode ter um problema financeiro e o clube de futebol tá bem, então você consegue lidar com a vida. Você pode ter um problema amoroso e o clube de futebol tá bem, então você consegue lidar com a vida. Você pode tá bem em tudo, mas, se o clube tá mal, então você tá mal”

TÉO JOSÉ 2 - 2:03 até 2:11 (8s) - “hoje, torcer pro Goiás, no momento que o time vive, é masoquismo, porque a gente mais sofre do que tem prazer”

- FADE OUT /// DEEP TO BLACK

- FADE IN

NARBAL 4 - 17:49 até 18:26 - até 0:45 NARBAL 5 (85s) - “Eu não quero a destruição do Figueirense. O meu entendimento é que assim: Avaí é Avaí e Figueirense é Figueirense. Cada um faz a sua parte, mas um não existe sem o outro. A minha leitura é de que não seria interessante. Claro que o torcedor mais fanático atleticano vai dizer assim ‘eu quero que o Cruzeiro se exploda, que acabe’, mas, quando o

Cruzeiro de fato se explodir e acabar, ele vai sentir falta do Cruzeiro, porque com o desaparecimento do Cruzeiro um pouco do Atlético vai junto. Como se fosse Grêmio e Inter, Flamengo e Fluminense. Já pensou, Avaí sem Figueirense? Figueirense sem Avaí? Isso quebra, agride o imaginário da Ilha, quebra o folclore. Teve uma época que alguns defenderam 'não, os dois não são viáveis. Vamos criar o Florianópolis' né, acaba com os dois e vamos criar o Florianópolis. Eu sempre fui radicalmente contra essa ideia.

RENATA 3 - 9:27 até 10:34 (67s) - "Eu não gostaria de ter dentro da minha casa, de ter, por exemplo... de ser casada com um cara que torce pro corinthians. Ia ser muito chato. Pelo fato de que... eu lembro muito... tem uma amiga minha que é corinthiana e o marido dela é são paulino e aí teve uma semifinal do paulista uns 2, 3 anos atrás... o São Paulo tinha ganhado o primeiro jogo, 1x0. E o segundo jogo foi lá na NeoQuímica Arena e até os 46 do segundo tempo tava 0 a 0. O São Paulo tava passando. E, aos 47, gol de Rodriguinho. Foi pros pênaltis. O São Paulo perdeu. E eu fiquei revoltada esse dia. Eu tava no trabalho, tava fazendo plantão lá na BBC, trabalhei até meia noite. Fiquei assistindo esse jogo... eu saí do trabalho revoltada, voltei pra casa e falei 'cê imagina se eu chego na minha casa e tem alguém corinthiano dormindo lá. Deus me livre! Eu não quero encontrar um corinthiano'. Eu ia falar 'mano, não dá'".

TÉO JOSÉ 4 - 15:43 até 16:00 (17s) - "Quando eu era mais fanático mesmo, nos meus momentos de mais fanatismo, eu ligava a televisão aqui em São Paulo e falava 'pô, vou torcer pro Vila Nova hoje, porque se ele ganhar pode ficar mais próximo da primeira divisão'. Com 15 minutos, tava torcendo contra. É uma coisa mais forte, entendeu? É uma coisa mais forte."

RENATA 3 - 10:35 até 10:52 (17s) - Meu namorado é Fluminense. Desde o início, a gente tá há 6 anos juntos. 5 anos juntos. Desde o primeiro São Paulo e Fluminense eu sempre falei 'a gente não pode ver jogo junto', porque ele também não sabe ficar quieto. Porque eu falo 'beleza, vamos ver São Paulo e Fluminense juntos, ninguém vai comemorar nada aqui'.

IRLAN 12 - 0:51 até 1:14 (23s) - "Como o clube organiza a nossa vida, acho que essa é a grande questão. Se fosse simples desgarrar, se desconcentrar ou abandonar um clube, acho que as pessoas fariam isso e o futebol não teria o menor sentido. Eu vejo exatamente o contrário. Acho que o futebol consegue fixar essa relação tão forte exatamente pela sua capacidade de gerar esse pertencimento"

RENATA 2 - 8:06 até 8:45 (39s) - "Eu lembro que no ano passado a final do paulista foi São Paulo e Palmeiras, e o São Paulo não ganhava título há muito tempo, e aí eu trabalhei de manhã, num jogo do campeonato italiano e aí eu e meu namorado a gente costuma almoçar na casa dos pais dele. E aí eu falei pra ele 'a gente vai almoçar e aí a gente vai embora', porque eu não vou assistir essa final aqui, porque eu não quero que seus pais conheçam essa versão da minha pessoa. Porque eu sabia que eu ia ficar insana.

NARBAL 3 - 6:59 até 7:34 (35s) - "Nesse momento, que o Valdívnia ia bater o escanteio, eu lá em cima, no camarote, com a minha filha, com o meu sobrinho e com outras pessoas, eu gritava 'bota com a mão, Valdívnia, bota com a mão'. E o 'bota com a mão, Valdívnia' é uma expressão que se usa no futebol... era um escanteio que ele ia bater, pra ele jogar de um modo preciso na cabeça de alguém que pudesse botar aquela bola pra dentro. E foi exatamente o que ele fez. O Renato subiu e fez o gol e aí tudo ficou por conta da emoção" -

- RODAR VÍDEO "NARBAL NA RESSACADA"

- FADE OUT /// DEEP TO BLACK

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

- RODAR VINHETA “IDENTIDADE E PERTENCIMENTO”

SIMAS 2 - 5:54 até 7:53 - As sociedades urbano-industriais são fragmentadoras, diluidoras de laços comunitários.”

SIMAS 2 - 5:54 até 7:53 - “Em contrapartida, o futebol é um elemento de reconstrução de laços comunitários que vão se esfarelado com o avanço das sociedades urbano-industriais.”

IRLAN 6 - 0:05 até 1:07 - O mundo em que a gente vive, as cidades onde nós vivemos, de certa forma, são espaços de individualização. Acho que o clube de futebol vem exatamente no sentido inverso. Ele é um espaço de agregação, de identidade, de pertencimento, de socialização”

SIMAS 2 - 5:54 até 7:53 - “Então, quando você tá torcendo por um clube de futebol, há, obviamente, uma dimensão individual ali de paixão, de pertencimento, de expectativas e tal, mas ao mesmo tempo há uma dimensão ali que te insere na coletividade. E é muito curioso porque eu vejo até uma relação de fundamento ancestral nesse processo. Porque você ali tá se conectando com aquela coletividade que torce pelo mesmo time que o seu, mas você está se conectando com todo mundo que já torceu pelo mesmo time que o seu. Pra quem tá vivo, pra quem tá morto, pra quem já não tá mais aqui, pra primeira geração de torcedores...” ((imagens de estádio))

RENATA 3 - 5:16 até 6:48 - “Ia ter um Corinthians e São Paulo no Pacaembu. Na época ainda era permitido torcida visitante. Era uma regra de ter 5% só de torcedores, mas era possível ter torcida visitante em clássico e aí eu queria ir nesse jogo, porque eu queria ir no Pacaembu e tal só que era muito difícil conseguir ingresso de torcida como visitante, cê tinha que conseguir pela organizada e tal e aí tinha uma amiga minha que ia ela, o pai e um amigo na torcida do Corinthians, eles eram corinthianos e aí eu falei ‘beleza, vou na torcida do corinthians’. Foi a pior coisa que eu já fiz na minha vida, porque além de tudo esse jogo foi 3x0 pro Corinthians. E assim, eu nunca tive tanta dor de cabeça, porque além de tudo eu não podia manifestar a minha indignação. Eu tinha que fingir que eu tava ok com aqueles 3x0, feliz ou enfim, no mínimo eu tinha que não transparecer que eu tava P da vida. E eu senti muita falta de estar com as pessoas que estavam na minha frente, do outro lado do estádio, que era a torcida do São paulo. Porque, pior que fosse aquela derrota, eu ia estar entre os meus, eu ia estar entre as pessoas que estavam ali se indignando junto comigo. Não, eu estava do lado oposto, em um lado em que tava todo mundo muito feliz e eu não tava. Então, foi quando eu entendi a questão da identidade, assim. É fazer parte, é se sentir parte.”

IRLAN 7 - 1:34 até 2:19 - “Eu acho que nada vai conseguir jamais substituir a experiência de estádio. O estádio é um espaço de afeto que não tem nada comparável assim com outros tipos de relações, com organizações e pessoas. Acho que vai muito além do que é uma igreja pra quem é católico, sabe? Vai

muito além de espaços comparáveis nesse sentido. O estádio é um disparador de sentimentos, de autopercepção também que é incomparável. ((imagens de estádio))

NARBAL 6 - 16:08 até 16:30 (22s) - “Então, essa que nós somos seres incompletos que nos completamos por meio das relações que estabelecemos com os outros, que somos seres que se encontram em busca de uma falta que nunca se completa, pois seremos sempre um projeto em aberto, essa completude a gente vai buscar lá sim.” ((imagens de estádio))

SIMAS 3 - 2:27 até 3:18 (51s) - Eu conheço gente, por exemplo, que foi de torcida organizada sem ter apreço exatamente pelo futebol, mas porque via na torcida organizada uma instância mesmo da construção de sociabilidade, de vida coletiva. Você está construindo identidade ali. Então às vezes o que acontece dentro de campo é o que menos interessa.

RENATA 2 - 11:00 até 11:25 - “Eu acho que o futebol faz com que às vezes você esqueça essas diferenças, porque dentro do estádio, por mais que hoje em dia o estádio esteja muito elitizado, os ingressos sejam caros e etc... você vive um momento muito comum ali, em que tá todo mundo igual. Todo mundo sofre igual pelo seu time. Não é porque você é rico ali dentro do estádio que você não vai sofrer tanto quanto o cara pobre do seu lado”

SIMAS 2 - 7:54 até 8:40 - “Então eu vejo no futebol uma dimensão individual, vejo no futebol uma dimensão coletiva, mas eu encaro o futebol também a partir de uma relação que eu acho que cruza mesmo com o sagrado e que é vinculada à própria ideia de ancestralidade. Você quando escolhe o seu time, você quando é escolhido por ele, aí seria uma questão a ser levantada, você tá se inserindo numa comunidade que começou quando o seu time foi fundado. Então, de certa forma, eu que sou botafoguense tô inserido numa coletividade de botafoguenses que vem desde 1902, 1904, 1907, 1910... a gente tá por ali.

NARBAL 6 - 14:40 até 15:37 (+-30s) - “Nós nos completamos por meio das relações que estabelecemos com os outros. E quando nós falamos de futebol, ou de um clube de futebol, ou Avaí futebol clube, veja: nós estamos falando de pessoas. Porque o Avaí futebol clube, ao longo do tempo e da história e atualmente é uma comunidade de pessoas que se relacionam. [...] Então futebol é convivência.”

SIMAS 3 - 10:30 até 12:04 - “nós somos gregários. Nós não somos como os cangambás, por exemplo, que no reino da natureza são solitários por excelência. Os mamíferos, em geral, são gregários. Então, a gente é bicho também, nós somos bichos gregários.”

NARBAL 6 - 13:10 até 13:25 (15s) - “Entender que ninguém é uma ilha em si mesmo como é a Ilha de Santa Catarina. Nós somos seres relacionais. Somos seres incompletos que nos completamos por meio das relações que estabelecemos com os outros”

SIMAS 3 - 10:30 até 12:04 - “Agora, você imagine o impacto que é uma natureza gregária, que marca os mamíferos, os humanos, e uma sociedade urbano-industrial que dissolve esses laços gregários e que te joga numa individualização tacanha, mesquinha, o tempo todo. Então, de certa forma, a gente busca construir ritos coletivos e o futebol é o rito coletivo. Qual é o outro? Que tipo de rito coletivo que a gente tem das nossas sociedades urbanas-industriais e pós industriais com a dimensão do futebol. Não tem e você não vai conseguir me dizer. O que você pode dizer é que você tem algumas religiões que se fundamentam nessa ideia. Então tem uma postura do sujeito em relação ao futebol que é também da dimensão do sagrado, é também da dimensão do transcendente”

NARBAL 3 - 8:00 até 10:22 (142s) - “Assim ó, eu sou muito religioso... eu acredito em Deus, eu acredito em Jesus Cristo, eu acredito em Nossa Senhora Aparecida, eu tenho um apego... e eu estava lá com um escapulário, não sei se tu sabes, tem uma medalhinha aqui, tem outra atrás, e tava com uma outra correntinha também: são duas correntinhas. A outra é da Nossa Senhora. Durante o jogo eu beijava e junto com a minha filha e com meu sobrinho eu dava pra eles beijarem aquela imagem. E tem uma outra coisa também que eu sempre levo. É uma bandeira oficial do Avaí, que a gente coloca no parapeito do camarote do conselho e ela tem o nome do meu pai, Nivaldo Silva, tem o nome do meu irmão, Nivaldo Alfredo Silva, e assinaturas de várias pessoas da família, e tá escrito assim 'lendas não morrem!'. E eu falo pra pessoas que tã do lado que quando o jogo tá... quando as coisas estão difíceis seria importante a gente contar com o nosso exército que tá no céu. E enfim, eu tenho esse apego. Eu falo e comento. E nesse dia do jogo... Talvez estivesse ventando, aquela bandeira começa, ela sacode. E naquele dia, nos últimos momentos, nos momentos decisivos, o que ela balançava era brincadeira, então... A hora que aquilo ali aconteceu foi inexplicável.”

ANEXO C - Declaração de autoria e originalidade

Eu, Lucas Fantinatti de Lima, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16105401, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Torço, logo existo**” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 02 de julho de 2022

Assinatura